



CASOS

meu illustre collega e illustre deputado o medico Moreira Junior acaba de discursar no parlamento, bellamente como sempre, sobre a carestia da carne, em Lisboa.

Não se imagine que o habil clinico pertence á raça dos Salomões, os das setecentas, e que o seu grito, tem a menor paridade, com um grito de satyro esfaimado berrando pelas Dreïades nas florestas.

Não se imagine. Todavia é bom prevenir, porque a palavra carne, nua e crúa, tanto se pôde applicar ás partes musculares dos corpos bovinos esartejadamente pendent nos ganchos dos talhos, como ás fórmias irmãs das nossas, adstritas ou não em espartilhos, de seios mais amplos e estupidez mais funda, a que vulgarmente se dá o nome de mulheres.

E isto por uma das tantas delicadezas da religião catholica romana, que poz nos seus cathecismos de infancia que os tres inimigos da alma são: o Mundo, o Diabo e a Carne.

Esta carne inimiga, a todos nós, o bondoso professor primario explicou, não ser carne de bóde, nem de capado, nem de cabra, a não se querer dar a esta ultima palavra a significação figurada que tantas vezes é de uso dispensar-lhe.

Não é pois a essa carne que o medico se referia, porque, de mais o saberá elle, d'essa, só officialmente registada, haveria para fornecer um talho quasi do tamanho da cidade.

Ao que consta, pois, sua excellencia refere-se aos quadrupedes e não será de mais suppôr que a esta hora haverá panico nas cavallariças e palhoças. Se estivessemos nos tempos do bom Lafontainè é possivel que uma grande reunião — como aquella que se fez quando foi da peste — se fizesse no Campo Grande ou no Hypodromo, para firmar um protesto pelo direito da vida animal. Mas os tempos são outros: n'esta terra as reuniões permittidas só o são no parlamento; e, caso curioso, em todos os decretos e juizos d'aquelles animaes, ha sempre um burro que é condemnado, que tem a culpa, a quem arrancam a pelle: burro metaphisico, allegorico, burro que lá não está, mas que nem por isso deixa de existir, de ser real, de ser esfolado... o paiz!

Propõe pois o illustre medico que se matem e comam os burros, caso que parece contradizer um tanto as theorias allopaticas da Escola de Lisboa de que sua excellencia é lente, attenta a população da formosa cidade que sua excellencia se propõe a alimentar.

Mas dê-se, enfim, na travessa ou no prato, ladeado de alface, o rapido cavallo, o pensativo burro. ou o macho manhoso; abra se á voracidade humana um maior campo de explorações culinarias no sacrificio das bestas, que para mim restar-me-ha no espirito uma cruel duvida.

Essa não a desfez o illustre medico, e eu peço licença para lh'a dizer.

E já agora, como se fallou em Lafontainè e fabulas, lembra-me (sem que a referencia possa ter a menor intenção de comparação malevola) aquella fabula do medico mostrando a lanterna magica.

O publico arregalava os olhos, enquanto o snrio orava: vejam, senhores, o palacio do rei com cincoenta janellas de frente: o diabo a fazer festas na cabeça d'um frade; ou quaesquer coisas parecidas ou não, e os espectadores a esbugalharem cada vez mais os olhos sem verem pitada.

O que acontecera? O nosso avô esquecera-se de accender a lanterna.

Perdoada a comparação, lembro ao illustre medico que lhe esqueceu uma coisa. Foi de provar que a carne é indispensavel na alimentação. Ha as mais auctorisadas opiniões em contrario e a pratica vulgar tende cada dia a abolil'a.

Vá lá este embargó a favor dos burros.



LI para S. Bento ha uma casa onde se reúnem, não se pôde dizer para quê, um grande numero de homens de sobreçasaca e chapéu alto. Pelo que fazem parece que bebem muito, lá dentro, pelos corredores, visto que na sala onde conversam só entra agua fresca. Seja como fór, não se passa dia sem que haja baralha seria. Berra-se, grita-se, dão-se muros nas carreiras, de tal sorte que um homem que está em cima d'uma especie de balcão commercial, pede ordem, toca uma grande campainha, sua, para conter os chinfrineiros e acaba, na impossibilidade de o conseguir, por pôr o chapéu na cabeça e pôr tudo na rua.

E tem razão o homem. O maior jornalista d'este paiz, o sr. Marianno de Carvalho, affirmá no seu órgão: que ha alli «desordens e palavras não usadas em salas onde se reúne gente de regular educação, e tudo isso a pretexto de manter o prestigio parlamentar.»

A casa é então?... Perdão...

O sr. Emydio Navarro, ainda um dos nossos raros jornalistas de valor real diz, também no seu órgão — porque n'este paiz os grandes artistas têm cada um seu realejo proprio onde encaixam as artias de occasião — a proposito das coisas que se passam na tal casa que uma das consequencias é: «que a continuação de taes desordens servirão (sic) apenas para lhe (ao governo) metterem na mão o vasculho e a vassoira que a elle e ao paiz os livre d'elles.»

Com o vasculho é de uso limpárem-se as immundicies dos tectos: com a vassoira a sujidade das ruas.

Aquelles «elles» significam pois coisas porcas e sujas, que estão a pedir vasculho e vassoira.

Aquelles «elles» são os taes homens, que se reúnem alli

PAI' NO FER
Livraria
Sá da Costa

para S. Bento, de casaca e chapéu alto, não se pode dizer para quê.

Está pois provado que n'uma casa alli para S. Bento, se juntam, ás tardes, uns sujeitos de casaca e chapéu alto, que provocam *desordens* e usam no convívio *palavradas* só usadas entre gente sem educação. Que a continuação de taes desordens pede e exige o *vasculho* e a *vassoura* como remédio.

Ora, em todo o mundo, as casas onde se encontra gente d'esta laia, de que é preciso livrar a vizinhança e o paiz, chamam se: o bordel, a taberna, a tasca; em Portugal esta casa chama-se o... Parlamento!

Pois seja.

*
*
*

Dias e noites successivas se tem feito rusga aos mendigos. Os jornaes o noticiam cheios de solicitude de bem servir os freguezes, sem uma palavra de critica para o facto como se fosse o mais natural e o mais justo.

Lindos.

De modo que chegámos a esta perfeição: n'este paiz em que não se póde fallar — porque são prohibidos os meetings —; n'este paiz em que não se póde escrever — porque são prohibidos livros e peças, — em que não ha pois liberdade de pensamento, nem da palavra, nem da critica, acaba de prohibir-se, até, o direito de ter fome!

Que sucia de imbecis são os taes mendigos!

Porque demonio não vão elles pedir um logar de director geral, o commissariado d'uma companhia, uma concessão de terrenos em Africa, uma inspecção escolar, qualquer coisa que renda um conto e quinhentos mil réis, por anno?

Que parvos! Estender a mão a pedir dez réis!

Mas isto é paiz de pelintras ou é a California?

Para este paiz ha só uma China, um só Conservatorio, uma só Bibliotheca Nacional, uma unica Companhia de qualquer coisa?

Que sucia de pulhas! andarem a sujar a gente limpa para pedirem dez réis!

E' pregarem com todos na cadeia. Pois então? Pedir? Roubem, que esse é que é o caminho: e quando andarem limpos e forem nomeados cavalleiros de Christo — este Christo atura coisas — é arranjar votos na freguezia e o Capitolio está perto.

Hão de vir no Hig-Life, na assistencia galante das récitas da moda, nos bailes das embaixadas, e porque uma vez declamem na Havaneza contra a corrupção social e a pouca limpeza d'unhas d'um ministro que os não quiz receber no gabinete, qualquer commissario de policia ao vel-o passar no asphalto, dirá sentencioso, para o grupo, ao cumprimental-o: «isto sim, isto é que é um character!»

Esta phrase fechar-lhe ha a penitenciaria durante a vida; e, na morte, se for amigo do João Franco, arrisca-se a ir dormir para os Jeronymos; se for do partido do sr. Patriarcha, apanha, na agonia, a absolvição summaria de todas as gentilezas que tenha commettido.

Gloria no Ceu e paz na terra!

O Pé leve acorda!

Al gentileza da informação minuciosa chegou até ao seio da familia. D'antes annunciava-se a morte d'alguem com uma simplicidade natural, attica. Fulano de tal falleceu!

Ou: foi Deus servido levar, da vida presente, Fulano.

Com quê? De quê? Ninguem o dizia: que importava para a dôr da familia e dos amigos a causa da morte?

Morreu! eis o facto cruel! Hoje não. Desde a morte de Manuel Bento de Souza, o clarissimo espirito sem hypocrisias nem prejuizos, muitas gentes têm annunciando a morte de um dos seus, pela explicativa forma: «Fulano de Tal morreu com os santissimos sacramentos...»

No meu tempo não havia ainda esta doença; não a encontro nas estatisticas obituarias dos jornaes medicos e con-

clúo que a doença é apenas um disparate inventado pela estupidez do medico que fez o diagnostico.

Onde chegam a hypocrisia e a estupidez humanas!

O que significa esta declaração publica de factos intimos, vizinhos da morte? Para quem é o aviso, a nota, a declaração? Para os homens?

Mas o que importa a alguém que fulano tome os sacramentos ou tome um clistér?

E' para fazer recahir sobre a familia a bondade dos sentimentos religiosos do morto? E' para que desbote sobre ella, a santidade do cadaver? Lá parece exploração revoltante. E' para Deus? para que elle o saiba e se acutele no julgamento? Imaginará esta gente que Deus é dos cincoenta mil leitores do *Seculo* ou dos vinte mil do *Diario de Noticias*?

Deus tem lá tempo para isso! Se já o Fontes o não tinha!

Havemos de confessar que ha poucas coisas reles como este catholicismo, moderno, da moda, de congregações e fininhas, que enjôa os vivos e explora os mortos!

Com que então o prezado morto morreu com os sacramentos? Então? morre-se de tudo, até de desenteria, como o padre Malhão.

Hão de estar a publicar-se estas coisas!

Pelo amor de Deus!

Lucilia Simões



NA AVENIDA



Kodac. A' tarde. Avenida.
Um drama visto n'um lance?
Talvez não; mas um romance,
Um romance com certeza
Moderno, de sensação:
Bella, elegante, florida,
Onde vai a Baroneza?
Dil-o a cara do Barão!



Na minha terra, as mulheres namoram piscando os olhos: um costume copiado das estrellas.

A proposito...

Sou bombeiro, e sou poeta
De versos feitos sem tombas!
Pois isto de amar as musas
Não priva o tratar das bombas.

Em prova d'esta verdade,
Que proclamo noite e dia,
Eu vou dar-lhes uma amostra
Da minha bella poesia :

— Raiava, ceplendido o sol,
Do mar o murmúrio se ouve;
E trepava o caracol
Por sobre as folhas de couve.

Veio a noite das mais bellas;
— Noite própria para amar...
Recamado o céu de estrellas,
Ninguém as soubes contar!

(Toca a fogo)

O sino badala... olá!...
A agulheta pede fogo.

Com licença, eu volto já,
Vou saber onde é o fogo.



De nojo

Mousinho d'Albuquerque, o heroe de Cooletta e de Chaimite, suicida-se, friamente, n'uma alameda dos suburbios da capital, Lisboa inteira pasma com a nova e com aquella curiosidade bisbilhoteira das senhoras visinhas, — que não com aquelle desejo de aprofundar os segredos da vida, como exemplo e como licção, — desanda a inquirir e a explicar as razões da catastrophe.

Que um bravo não se mate como se mata um tendeiro, é justo... nem se pode matar. E se o faz, se é um grande nome, é preciso fazer uma nuvem que tolde esse nome, porque a alma miserima dos mediocres encasacados, a superioridade, qual quer que seja, affoga, asphixia.

E, desandaram a inventar explicações.

Ora acontece que conversando eu n'esse dia com um amigo de Mousinho, este me disse, entre muitas coisas: que era um desanimado: que pensara generoso e portuguez em pôr a sua gloriosa espada de encontro á chusma vil que nos esmaga: luctar, combater pela nossa terra querida, não os theatraes combates de S. Bento, parolório bafioso de comedias reles, mas aquelles em que se arrisca alguma cousa mais do que uma sandice — em que se arrisca a vida!

Que esses generosos impulsos tinham esfriado lentamente ante a indolencia, a doblez, o servilismo, a cobardia geral. E, que a sua alma, da antiga tempera da sua espada, cahira n'aquella funda tristeza do desconforto, que se dá rudezas e impulsos subitos, arrasta logo apoz aos somnambulismos funebres da morte.

E' inutil pois procurar mais explicações para o lamentavel caso: Mousinho d'Albuquerque matou-se, ou morreu... de nojo!

NA RUA

ellas teem de ser mães de bandalhos?

E' melhor assim. O

espírito bondoso dos governos assim o entende. Para que levar ao coração das mães a vergonha dos filhos? Deixai alastrar a vasa: nas sociedades fundamentalmente corrompidas não ha dôres, nem brios, nem reacções. E' n'ellas que podem viver os governos miseraveis ou acephalos e são esses que vivem.

Deixai correr a vasa.



Explicava-se a uma senhora, que o grande agrado da bicycleta provêm d'uma questão atavica.

Repare V. Ex.^a n'um bicycletista. A posição, o movimento, o automatismo, lembram um macaco. Que os homens gostem explica-se: é um exercicio, que até os medicos tiveram a ingenuidade de recommendar; mas as senhoras...!

— Ha uma outra razão.

— Qual?

— A de lhes parecer, que vão sempre... a «cahir»!

— Oh! madame. Era franceza a madame.

A rua larga e buliçosa, na tabacaria da esquina, uma mulher, bella, de fôrmas opulentas, exhibe, n'uma nudez impudica, todo o corpo, n'uma serie de posições lascivas.

A photographia explora no modelo todo o relevo das carnações grosseiramente libidinosas e n'uma provocação crua explica toda a sensualidade das linhas secretas da Vênus Astartéia.

E' uma mulher que um dia foi casta e honesta e mais tarde atirou com todas estas bugigangas á lama da rua. Uma sociedade decente esconderia, em honra da sua moral, o lamentavel delicto: a nossa, ao contrario, expõe-no.

A aventureira precisa de popularidade; o impudôr exige o reclamo!

Vêde a mulher, o animal, a prostituida, como é bella, hein? O corpo, a anta, os peitos...

A cidade passa e vê. Velhos babosos analisam e commentam. A exposição é franca. O olhar d'uma mulher honesta, d'uma creança, pode ser chamado, involuntariamente, á percepção da exhibição obscena.

E' preciso corromper, pelo ouvido, pela vista, nos theatros, nos mostradores das lojas, no acotovelar das rameiras que passam, a pé, n'uma sordidez algida de corpos e de roupas! A liberdade!

E' preciso esquecer, não ensinar mesmo os prazeres castos e serenos; esmagar na alma, á nascença, todas as idéas limpas, todos os sentimentos dôces e elevados. E' preciso banir da familia, da caza, o ar sagrado do lar antigo. E' preciso alargar o bordel, amplial-o; fazel-o grande como uma avenida, como a cidade inteira! E' preciso sujar tudo, a rua, a loja, a officina, a casa, o templo...

Para longe a arte seria, digna, ensinadora e honesta: isso não dá dinheiro! Para bem longe o pudor e a innocencia — esses perfumes da alma: — que velharias feias e ridiculas! — Nós somos civilizados, nós olhae para estes collarinhos e para estas polainas e vêde como a civilisação nos sobe pelo pescoço acima e nos desce pelas pernas abaixo!

Os altos poderes do estado dormem sobre estas ninharias, absorvidos nas grandes combinações politicas que levam os cretinos ás pastas e os braves ao suicidio.

Quem pensa em educar n'este paiz de analfabetos? De que serve, aqui, saber, trabalhar, valer, ter uma consciencia, ser um homem? Mas é justamente o contrario o que é preciso. O contrario: ser mediocre, ignorante, embusteiro, contanto que tenha ao peito a medalha de servilismo exemplar. O sr. conselheiro passa... curvemo-nos.

E, então, educar uma mulher... para quê?

Para que serve crear mulheres honestas, se



ATTAQUE EM FÓRMA



ELLA : Tudo isso ?
 ELLE : Tudo ?
 ELLA : (com um riso ironico) Os senhores
 depois dos ataques de Trajouce ficaram
 muito desacreditados nas manobras.

ARTE NOVA

Poeta, amanhador da bella trova
 Que onde tinha o nariz mui bem sabia,
 Tres resmas de papel gastou um dia
 Para escrever uns versos *Arte-nova*.

Não receiou da imprensa apanhar sóva
 Mandou-os a qualquer typographia ;
 E muito acreditada livraria,
 Vendendo-os, de bom gosto deu a prova.

O poeta, benza-o Deus, creou escola ;
 Hoje conta discipulos aos centos,
 Quasi mestres na mesma carambola !

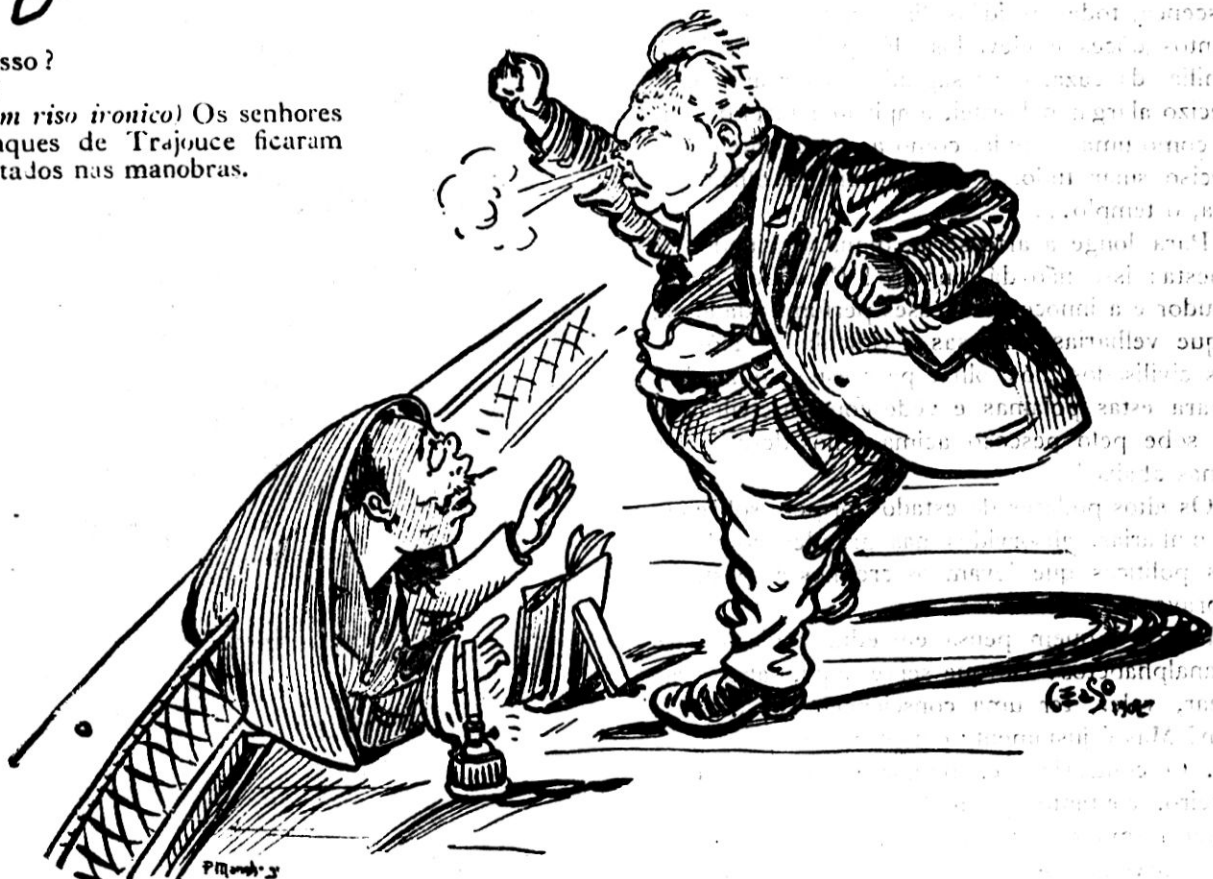
E, como o tempo d'hoje é dos inventos,
 Inda espero de ouvir tocar á viola
 Os *Fados d'Arte nova* ao som dos ventos.

J. I. D'ARAÚJO.

PRECIPITAÇÃO

1.º ACTO

Bonifacio Rodrigues pega no unico chapéu que os companheiros do Bridge, no club, tinham deixado sobre o cabide e corre a caza apressado, com medo dos ralhos da mulher, porque a partida se demorára de mais.



Ensaio da Comedia Parlamentar.
 O ponto: Agora bufa... com cuidado, hein ?

Felizmente a metade estava de bom humôr.

Jantou-se e no antejogo do passeio da tarde, veste o sobretudo e ao pôr o chapéu na cabeça Bonifacio, atterrado, vê-lhe, no fundo, duas iniciais: M... P...

Como um raio entra na каза do jantar.

— Senhora, o que significa a presença d'este chapéu sob o ~~texto~~ conjugal?

— Qual chapéu é o teu?

— O meu? veja estas letras; chamo-me porventura Mané Cão?

— Mas não veio cá ninguém na tua ausencia!

— Não? Ha muito que eu suspeitava... Ha aqui um homem! A senhora tem um amante!

— Oh!

2.º Acto

Bonifacio, fúto, foi ver os outros chapéus do cabide.

— Não ha duvida, esse homem sahiu, levando-me o meu.

— Acredita o que quizer Bonifacio, disse com dignidade a esposa ultrajada. Vou para casa do meu pae e só voltarei quando pedires perdão do teu erro.

Bonifacio corre a um advogado, propõe o divorcio e deixa cem mil réis para preparos.

3.º Acto

Quinze dias depois, mais socegado, volta ao Club e encontra um dos parceiros do Bridge que o abeira.

— O meu caro amigo, mil desculpas, mas tenho que substituir-lhe o seu chapéu, que levei por engano, na ultima noite...

— Que iniciais?

— M. C.

— E as suas?

— B. A. Bonifacio Rodrigues.

— Bonifacio Rodrigues? E' o senhor?

— Sou. E, recebendo o chapéu, Bonifacio pensava intimamente: sou, mas não o sou! Bom, tenho que pedir perdão a minha mulher e ella volta. O demonio foram os cem mil réis do advogado... esses é que não voltam.

T. DE C.



LUCILIA SIMÕES

Mocidade, gentileza de figura e de maneiras, um rosto cheio de expressão intelligente e audaz, uma forte senbibilidade artistica, e um poder de execução já hoje poderoso, taes são os dotes com que a natureza enriqueceu a joven atriz que o Brazil nos reenvia coberta de palmas.

Ella as merece. E' uma rapariga cheia d'amor pela sua arte, não pensando, não vivendo senão para ella. E' esta uma grande, uma bella qualidade, ia dizer a maior. E' vel-a representar e sentir que o palco é para ella um campo de batalha e não um mostrador:—que é uma artista que nasce, uma mulher que sente e nunca uma boneca que falla,

A critica de todos os seus trabalhos futuros virá, aqui, sucessivamente. O que é preciso accentuar é que a seriedade do seu processo, a vontade e estudo que n'elle emprega, as revelações successivas do seu bello talento, fazem da joven atriz a mais bella esperanza que de ha muitos annos surge no theatro portuguez.

E, quando digo esperanza, não quero dizer que não vá mais longe a classificação que lhe pertença, já hoje; mas é que é preciso um grande cuidado em não animar de mais — até as caricias matam — todas as coisas bellas que se abrem para a luz: corollas de flores, almas de mulher!



— Tanta pelle e eu sem nenhuma!

DOENÇA DO SOMNO



Esta é a dita dama minha amada,
 A qual se o céu me dá, que eu sem perigo
 Possa o somno conservar ferrada:
 Seus negros pezadêlos . . . vão comigo.

BYRON (O Corsario).

1902

